

Redes, conexões, “Trans-Forma(ções)” : um olhar sobre a linguagem contemporânea de dança em Belo Horizonte.

*Gabriele Generoso*¹ (UFBA)

GT :Pesquisa em Dança no Brasil: processos e investigações.

Palavras-chave : pesquisa, dança, contemporâneo, Trans-Forma, Dududi Herrmann.

Sobre a pesquisa

A investigação sobre os processos e construções da dança em Belo Horizonte, Minas Gerais tornou-se objeto de interesse em minhas pesquisas nos últimos quatro anos. Atualmente, estando matriculada no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, tenho me debruçado sobre as investigações a respeito das diversas formas de apropriação e desenvolvimento da linguagem contemporânea de dança na capital mineira.

Dentro da linha de pesquisa Matrizes Estéticas na Cena Contemporânea, o estudo citado tem caráter qualitativo e abordagem interpretativa. Traz como objetivo principal estudar como alguns diretores de companhias de dança de Belo Horizonte identificam e caracterizam sua dança como contemporânea. Os diretores e consequentemente as companhias que fazem parte da pesquisa são: Cristina Machado – diretora da Cia de Dança do Palácio das Artes, Rui Moreira – diretor da Cia de Dança Seráquê, e Suely Machado – diretora do Grupo de Dança 1º Ato.

A Cia de Dança do Palácio das Artes, a Cia de Dança Seráquê e o Grupo de Dança 1º Ato foram escolhidos como objeto de estudo, porque trazem muitos dos aspectos que traduzem a pluralidade artística da dança caracterizada como contemporânea, pela diversidade em seus processos de criação, pela singularidade nos espetáculos apresentados e pelas redes estabelecidas historicamente em suas contínuas produções.

Os aspectos metodológicos dessa pesquisa estão centrados na coleta de informações através de entrevistas e material pertinentes aos processos de construção da dança em cada companhia, a investigação do contexto sócio-cultural em que essa dança vem se apresentando e se relacionando nas últimas décadas para melhor compreensão de como se constitui, e análise de espetáculos produzidos pelas companhias em questão, como forma de compreensão da representação de suas linguagens particulares na cena.

Um prematuro desejo de desenvolvimento da pesquisa pretendia a criação de um conceito sobre o que viria a ser dança contemporânea. Durante o amadurecimento do estudo e a aproximação dos objetos, percebi a impossibilidade da conceituação em virtude da particularidade no desenvolvimento dos trabalhos e do pensamento sobre a dança nas companhias em questão.

A partir do levantamento inicial, que certamente continuará ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pude perceber a rede de relações entre os caminhos percorridos similarmente pelos diretores dos grupos pesquisados, o que me fez debruçar em uma atenção maior sobre esse significante trajeto histórico da

¹ Bacharel e licenciada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa, mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia.

dança em Belo Horizonte. A partir dessa primeira observação, proponho uma pequena explanação sobre o Grupo Trans-Forma e Dududi Herrmann, sendo estes responsáveis pela orientação e formação de alguns dos principais representantes da linguagem contemporânea de dança em Belo Horizonte e outras áreas afins.

“Trans-Forma(ções)”

O Grupo Trans-Forma foi fundado em 1969 por Marilene Martins. “Nena” como ficou conhecida por seus alunos e colegas da área da dança, foi aluna de Klauss Vianna que entre as décadas de 50 e 60, desenvolveu uma nova abordagem pedagógica para o ensino do balé clássico centrando-se no indivíduo e nas suas diferenças.

Após esse período em que estudou com Klauss, Marilene vai estudar dança moderna na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia com Rolf Gelewsky, então professor e diretor da escola. Ainda em busca de aprofundamento em suas pesquisas sobre o movimento e a dança moderna, Marilene viajou para os Estados Unidos e Europa, fazendo também outros cursos ligados à consciência corporal e ao estudo do movimento.

Em 1971 transfere a sede do Grupo Trans-Forma da sala de sua casa para um galpão no Colégio Arnaldo e cria com seus alunos o Trans-Forma Grupo Experimental de Dança. Em sua filosofia de trabalho, compôs o cenário da dança mineira de forma singular, proporcionando àqueles que passaram pelo grupo, outras possibilidades de movimento. Para isso, incentivava os alunos a se aprofundarem também no conhecimento de sua realidade.

Marilene Martins acreditava que, cientes de seu contexto, os bailarinos poderiam se expressar de forma crítica. Ela não desprezava, de forma alguma, a utilização de outras técnicas de dança para o aprimoramento de seus alunos como o balé clássico e a dança afro, por exemplo, buscando ir além das formas já conhecidas por eles. Preocupava-se com duas questões: como fazer seus alunos dialogarem com a dança moderna e como esse corpo se apropriaria da técnica. Como ratificado por Cristina Machado² - diretora da Companhia de Dança do Palácio das Artes:

“ Eu podia fazer as aulas de dança moderna, de clássico, de dança afro e ainda tinha uma biblioteca a minha disposição para estudar, lá na Nena. Podia ouvir informações sobre pessoas que estudavam o movimento, o corpo e sobre o corpo na dança. Era um ambiente de diversidade para a formação.”

Além da biblioteca, proposta coerente com a idéia de Marilene em ampliar e instigar os conhecimentos dos alunos para a criação, eram realizados exercícios de improvisação em laboratórios constantes de criação colaborativa, possibilitando aos bailarinos a oportunidade da criação de acordo com suas particularidades de movimento.

Glória Reis (2005:97), coloca que:

“Ao transformar as aulas em um laboratório de idéias e ao promover atividades com utilização de várias linguagens artísticas, o Trans-Forma instigava o questionamento de padrões pré-determinados, o desejo de pesquisa

² Entrevista cedida em 12 de fevereiro de 2007, no Palácio das Artes, Belo Horizonte, Minas Gerais.

e busca de um gestual que respondesse às necessidades de expressão daquelas pessoas que tinham em comum exatamente esta procura por algo que lhe fosse mais próprio e próximo.”

Um ponto importante a se ressaltar na filosofia de trabalho do Grupo Trans-Forma, era a busca para se dançar as propostas pesquisando o gestual do povo brasileiro. Segundo Dududi Herrmann³, “não queriam demarcar uma dança etnocêntrica, a idéia era a pesquisa aprofundada sobre o que seria esse corpo brasileiro e como ele poderia se movimentar.”.

Os cursos de aperfeiçoamento promovidos pela escola do Trans-Forma não eram restritos aos bailarinos do grupo, como coloca Suely Machado⁴: “...eu sou cria do Trans-Forma, apesar de não ter sido bailarina do grupo, os cursos de aperfeiçoamento que fiz lá me colocaram em contato com pessoas maravilhosas que considero meus grandes mestres”. Passaram pelo Grupo Trans-Forma: Miriam, Paulo, Rodrigo, José Luiz, Mariza e Pedro (os irmãos Pederneiras), Arnaldo Alvarenga, Cristina Machado, Tarcísio Ramos, e entre outros, Dududi Herrmann, a quem dedicamos especial atenção neste momento.

Dududi Herrmann ...

As reticências podem não dar conta de toda a bagagem artística e das pesquisas desenvolvidas por Dududi, buscando não só uma pedagogia para o ensino da dança, como a constante pesquisa para uma linguagem contemporânea de dança.

Dududi começou a dançar aos 10 anos de idade no Grupo Trans-Forma, onde estudou não só a dança moderna, como outras técnicas que eram oferecidos na escola do Trans-Forma como o balé clássico, dança afro e improvisação. A improvisação, técnica que ocupa grande parte de suas pesquisas, já fazia parte de seu interesse em 1969 quando iniciou seus estudos com a dança. “Eu falava com a “Nena”: eu quero dar aula, posso? Ela dizia: claro que pode! De quê? De dança moderna, mas eu quero improvisar. E a “Nena” me dava liberdade para isso⁵.”

O primeiro espetáculo que coreografou foi “Escolha seu sonho” e a partir daí, quando saiu do Trans-Forma em 1981, seus trabalhos e pesquisas se intensificaram. Coreografou para os principais grupos e companhias de dança e teatro de Belo Horizonte, como o Grupo de Dança 1º Ato, Cia de Dança do Palácio das Artes, Grupo Galpão, Cia Burlantins, Grupo do Beco do Conglomerado Santa Lúcia, entre outros.

Durante as entrevistas realizadas até então, Dududi é citada como um grande referencial sobre as pesquisas sobre dança contemporânea. Os entrevistados em sua maioria, já tiveram a oportunidade de dialogar com suas pesquisas, seja como bailarinos, seja nas oficinas de improvisação e outras oficinas que trazem a preocupação de preparar o bailarino para a cena.

Atualmente ela dirige um estúdio que leva seu nome, fundado em 1994, um espaço onde propõe a prática, a invenção e encontros entre profissionais e comunidade artística para a apropriação de idéias

³ Entrevista cedida em 01 de março de 2007, no Estúdio Dududi Herrmann, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

⁴ Entrevista cedida em 13 de fevereiro de 2007, em sua residência, Belo Horizonte, Minas Gerais.

⁵ Idem nota 3

artísticas e afins. Também dirige a Benvinda Cia de Dança, fundada em 1992, com o objetivo de aprofundar e inventar uma dança conectada aos acontecimentos do seu tempo. Pesquisa e experimentação avançam juntos no trabalho desta Cia, a qual investiga a dança dentro de uma linguagem contemporânea.

Coloca Dududi que a linguagem contemporânea de dança:

“ é essa nossa contemporaneidade, é de onde você se alimenta fazendo esses *links* com outras áreas, com a comunidade, reinventando uma dança. Isso tudo é uma linguagem contemporânea de dança, não interessa seu eu faço dança contemporânea, dança disso ou daquilo. Eu já sou contemporânea.”

As considerações que encontro no momento são: ainda há possibilidade de várias leituras no decorrer desta pesquisa que se encontra em processo. A observação, experimentação metodológica e o processo de elaboração da escrita podem trazer outras impressões. O que se pauta desde já: a paixão em pesquisar a dança, a constante curiosidade e respeito enquanto pesquisadora ao objeto em questão, e o desejo em possibilitar que o produto final, reflita uma nova possibilidade de se olhar a linguagem contemporânea de dança em Belo Horizonte.

Referências Bibliográficas

REIS, Maria da Glória Ferreira. **Cidade e Palco: experimentação, transformação e permanência**. Belo Horizonte: Cuatiara, 2005. 166p.